

A ÉTICA PLATÔNICA E A INTERFERÊNCIA ESTRANGEIRA NOS SABERES DE ATENAS

Miguel Pereira Neto**

RESUMO

O trabalho terá como fontes principais os diálogos de Platão na tentativa de estabelecer a relação do autor clássico na produção de saberes e fomentador de práticas para a pólis na Atenas Clássica. O aspecto da interferência estrangeira é o ponto controverso na construção de Platão, ele foi um dos maiores refutadores do movimento sofístico em Atenas através de seus diálogos e da composição de Retórica como termo que diferencia a Filosofia da Retórica; mas Platão se baseia em concepções de outros estrangeiros para discutir os problemas da produção de saber, em especial nas concepções de Parmênides de Eléia. A tensão entre estrangeiros e atenienses permeia os diálogos, mas estão presentes na própria formatação do lugar espacial e ético dos gregos no Mundo Antigo. A partir de François Hartog, entendo que o mundo grego deve ser vislumbrado também a partir da relação com o mundo bárbaro e com as “heranças” e apropriações culturais da Hélade provenientes de outros espaços.

Palavras chave: Platão, Saber e Atenas

RÉSUMÉ

Le travail aura comme font principales les dialogues de Platon em tentative de établir la relation du auther classique em production de savoir en faisant de pratique sur la polis em Athènes Clássiqué. L’aspect d’interference des estrangères es le point controverse dans la cosntruction de Platon, il etais um de les majores adversaires du mouvement sophistique en Athènes a travers de son dialogues e de la composition de retoric comme term que differ la Philosophie de la Retoric; mais Platon pense il même dans les conceptions des autres estrangère pour discuter les problemes de production du savoir, principalement les conceptions de Parmenide de Eléia. La tension entre estrangères e athénienses que pénètre les dialogues, mais sont present em propre forme do Lieu espacieu et éthique des grecques dans le Monde Antique. A partir de François Hartog, j’entend que le monde grecques devoir être entrevoir aussi a partir de la relation avec le monde barbare e avec les “heritages” et apropiacion culturelle de la Hélade originé d’autres espaces.

Mots-clés: Platon, Savoir et Athène

Atenas na época de Platão é o enfoque do presente trabalho ao pensar: como os conhecimentos interferiam na ética dos cidadãos em Atenas e como esse complexo de relações aparece em alguns diálogos platônicos. Pensar Ética aqui como um conjunto de práticas que se relacionam a vida em comunidade, ligadas a moral de viver bem em sociedade. Esse conjunto moral é exposto na obra platônica como sendo ação justa e coerente de reflexão ligada a verdade, mas essas “verdades” estão ligadas ao enfoque político que Platão visa no tratamento da *pólis*.

* Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dentre os personagens presentes no diálogo platônico, pretendo tratar sobre vários termos com os quais se entendia o estrangeiro; dentre eles os metecos, que eram proibidos de participar da vida pública da cidade. Apesar de participarem de cargos importantes no século IV: banqueiros, serventes, escultores, ourives, pintores e marceneiros nas construções públicas, os metecos tinham estatuto social inferior no mundo grego (FLORENZANO, 1986).

Um exemplo de meteco tratado na obra platônica que habitavam a região do Pireu era Céfalo, mercador de armas que aparece no começo do diálogo da República. Interessante observar que o diálogo com Céfalo tem um sentido de religiosidade moralizante. Marcel Detienne mostra que em Platão, a mitologia é usada para defender a cidade (DETIENNE, 1992) e o exemplo do Céfalo não é diferente:

- É tal que não seria capaz de convencer dele muita gente, por mais que dissesse. Tu bem sabes, ó Sócrates, que depois que uma pessoa se aproxima daquela fase em que pensa que vai morrer, lhe sobrevém o temor e a preocupação por questões que antes não lhe vinham à mente. Com efeito, as histórias que se contam relativamente ao Hades, de que se têm de expiar lá as injustiças aqui cometidas, histórias essas de que até então troçava, abalam agora a sua alma, com receio de que sejam verdadeiras. (República, 2001: 330 d - 330e)

A fala de Céfalo descrita acima, mostra o fim da vida de um meteco preocupado com aquilo que virá no além. Importante notar que o meteco é um morador de Atenas, no caso, cuja origem familiar é de outra cidade, onde o aspecto da religiosidade sobre o Hades por exemplo não fosse tão professada como em Atenas. A cidade é defendida por uma ética religiosa que Platão professa em seus escritos ao sempre colocar o homem na relação com os deuses. Os deuses são nas obras platônicas, objetos de respeito e admiração e juízes da ação dos homens. A cidade ideal se constrói através dos homens que conhecem os desígnios dos deuses e os cumprem com sabedoria.

Para realizar a cidade ideal, o modelo educacional seria entendido a partir dos *filósofos* que ordenariam na figura do “filósofo-rei”; termo criado na República. A *pólis* ideal de Platão, não comportaria personagens que foram centrais segundo Jaeger (JAEGER, 1994) para a construção da Paidéia grega consolidada na época de clássica como os sofistas.

Os sofistas aparecem nos diálogos platônicos como adversários dos filósofos e aqueles que dizem coisas que não são verdadeiras ou coisas que não são. O sofista de Platão tratará de caracterizar sobre o método do sofista como um caçador ou pescador pela sua falácia que corrompe a vítima. Os sofistas eram notadamente pessoas que viajavam através da Hélade sem se estabelecer em nenhum lugar e que vendiam seus ensinamentos. Como Kerferd (KERFERD, 2003) e Cassin (CASSIN, 2005) bem pontuam: Os sofistas inseridos na Grécia

como um movimento educador voltado para a prática de retórica e outros saberes voltados para ação política. Os sofistas também foram precursores de muitos conhecimentos proferidos por Platão, como afirma Jaeger

Platão e Sócrates adotam as idéias educacionais dos sofistas e nelas introduzem diversas modificações. Não há nada que caracterize tão bem esta transformação como o fato de Platão, chegando ao termo da sua vida e do seu saber, ter transformado nas Leis, a célebre frase de Protágoras (tão característica, na sua própria ambigüidade, do tipo de humanismo dele) O homem é a medida de todas as coisas, no axioma: A medida de todas as coisas é Deus (JAEGER, 1994: p. 351)

Platão é, na visão de Kerferd, Jaeger e Cassin, herdeiro das tradições educacionais dos Sofistas, mas Platão representa uma contradição ao modelo educacional dos sofistas. Segundo Kerferd (KERFERD, 2003), Platão seria responsável pelo movimento que relegou os sofistas a serem pensadores do falso. As tradições posteriores que se embasaram em Platão, exceto a época da segunda sofística, não compreendiam os sofistas como outro viés da ação educadora das cidades estado gregas. O próprio termo *sophiste* que outrora designara homem sábio, depois das críticas de Platão em diálogos como o Górgias passa a ser visto como termo pejorativo aos que vendiam os saberes.

Platão acaba formando no seu trabalho a idéia que o grego precisava de uma educação fundamentada nos princípios helenos para atuar na pólis. Platão está reagindo contra políticos que são ensinados a legislar sem serem ensinados nas práticas culturais atenienses, como aqueles que se concentravam no aprendizado da oratória através de alguns sofistas. O Sofista é objeto da disputa pelos saberes que formaram a hélade e antecederam Sócrates e Platão na tentativa de levar saber para a formação cidadã.

Pelo fato da vida errante dos sofistas, eles eram sábios que não se vinculavam diretamente com os problemas de ordem política de Atenas, apesar de instruírem políticos na prática legislativa. O fato de serem estrangeiros numa cidade que se fechava cada vez mais para reconhecer quem eram seus cidadãos, isso numa época pós governo dos Trinta Tiranos, favorecia a exclusão de pensamentos que pudessem estar sendo dissidentes do modelo de *pólis* então adotado. Sócrates preferiu a morte ao ter que se isolar no estrangeiro, mas a morte de Sócrates deve ser entendida como uma resposta de grupos políticos da cidade para os pensadores que supostamente estavam pervertendo a juventude (FINLEY. 1990: p.70).

No sentido dos saberes que são cogitados para a prática política, os opositores estão “ Far from supposing that Athenian cultural norms rendered public action simple, the dissidents worried about how good public decision making was possible in the face of individual self-

interest and that ethical norms had too little purchase on members of a community that celebrated individual freedom.” (OBER, 2008: p. 33)

Josiah Ober revela a preocupação de pensar como os políticos se concentravam na questão do saber para governar em Atenas: “ Wealthy citizens could and did achieve political prominence, and thus positions of leadership, by demonstrating, through speech and action, both their expert credentials and their commitment to democratic cultural norms and aspirations.” (OBER, 2008: p. 32) As técnicas de oratória que os sofistas ensinavam eram um caminho promissor para obtenção de poder político, como o trecho citado acima demonstra. Pensando na gestão da cidade é que grandes pensadores da Grécia Clássica formataram seus trabalhos como Aristóteles, Tucídides e mesmo Platão que pensaram em ações políticas e teorias políticas que orientassem a vida na cidade(OBER, 2008).

Seguindo essa linha, pretende-se questionar, de onde vem essa “ética” de inimizade aos estrangeiros que Platão representa em escritos como A República? Teria essa “ética”, contradições ou paradoxos entendendo estrangeiros de formas diferenciadas? A próxima parte do trabalho pretende teorizar sobre isso.

Os saberes na construção do grego e do bárbaro.

A construção da identidade grega perpassa pelos saberes que compõe o ideal do homem grego, numa construção embasada em lutas necessárias para o posicionamento social. Sócrates é exemplo disso quando afirma no diálogo Alcibíades:

Portanto tão ingênua criança, acredite em mim, acredite nessas palavras inscritas em Delfos: “Conhece-te a ti mesmo”, e saberá que seus rivais são aqueles lá e não esses que tu pensas: rivais sob os quais nós não podemos abordar se não pela aplicação e o saber. Se tu não adquirires essas duas coisas, tu não adquirirás nem mesmo o nome entre os gregos e os bárbaros; e por isso se eu não me engano que tu pareces desejar como pessoa não deseja alguma coisa no mundo (Alcibíades, 1930: 124a.)

O nome é adquirido, nessa compreensão que faço de Platão, como uma inscrição no contexto social de grego ou do bárbaro; ambos os lados passam a se conhecer através da cultura que professam. Na relação com o escrito de Delfos, o limite do homem que ele precisa conhecer é em relação aos deuses. “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses” (Referência de Delfos) é o termo retomado na fala de Sócrates que agora delimita que até os bárbaros se conhecem frente aos deuses. Evidente que aqui, Sócrates lança também a noção de conhecer-se a si mesmo para superar suas dificuldades, mas o termo é herança da frase de Delfos.

A posição que é tomada por Sócrates inicia a postura que Foucault vai chamar de Cuidado de Si (FOUCAULT, 2004), a partir do conhecimento de si (*gnothi seauton*) se estabelecerá a prática do Cuidado de Si. Cuidar de si é atuar em conformidade com seus limites e buscar se conhecer. Para o grego da época clássica essa construção é perpassada pela *Paidéia* e é bastante reprovável entre os Filósofos, o grego que não busca saber sobre seu próprio lastro cultural e pretende guiar os rumos da cidade.

O Cuidado de Si é algo que deve ser entendido na obra platônica, como premissa para o guardião da cidade, ou o político que será educado para guardar os princípios da cidade. O político, segundo o Sócrates do diálogo **Alcibíades** faz entender, deve ser uma grego que entende a sua cultura até mais do que os outros helenos. A teoria de alguém para governar que esteja imerso nas técnicas e saberes da *Paidéia* grega é mais consolidada no livro a República quando se lança a teoria do Filósofo rei. Esses aspectos de construção política ao redor da identidade grega tem um sentido de oposição e essa oposição se consolida em especial com Tucídides e também com Platão na aversão ao bárbaro.

O bárbaro é o objeto de oposição mais claro na cultura grega e em Platão fica bem claro quanto a esse respeito, quando na República afirma-se que

Por conseguinte, diremos que, quando os Gregos combatem com os bárbaros e os bárbaros com os Gregos, estão em guerra, e que são inimigos por natureza, e que a esta inimizade se deve chamar guerra. Ao passo que, quando os Gregos fizerem tal coisa aos Gregos, diremos que são amigos por natureza, que tal conjuntura a Grécia está doente, e em discórdia civil, e essa inimizade chamaremos sedição. (República, 2001: 470c)

A aversão ao bárbaro torna a proximidade de estrangeiros algo nocivo para a continuidade do sistema político, pois o bárbaro é o portador da *Hybris* violadora dos princípios helenos, em especial no caso dos Persas que desde Heródoto são vistos como os exemplos de *Hybris* por excelência no mundo grego. O estrangeiro de forma geral é um objeto controverso no sentido de como era recebido por Atenas. A cidade de Atenas conviveu com estrangeiros incrustados nas suas práticas de vida. Estrangeiros esses que em Atenas podem ser tanto os metecos, como os *xénos*, palavra recorrente em especial nos diálogos Sofista e Político.

Sobre *xénos*, termo cuja maior parte das tradições dos diálogos platônicos traduzem por estrangeiro, é um termo ligado a hospitalidade dentro da cultura helênica. O respeito aos hóspedes está presente mesmo entre as divindades como o exemplo do *Zeus Xênios* que

salvaguardava os suplicantes e os hóspedes acolhendo-os em altares domésticos (VERNANT, 1992. p. 41).

Theodoro: Nós somos fiéis a nosso engajamento de ontem, Sócrates: nos temos um ponto nomeado e trazemos um estrangeiro que vês. Ele é originário de Eléia: ele pertence ao círculo dos discípulos de Parmênides e de Zenão e é um verdadeiro filósofo.

Sócrates: Não seria este, Theodoro, no lugar de um estrangeiro, algum deus que tu trouxeste a tua ilha, seguindo a palavra de Homero, que disse que os deuses e particularmente o deus que preside a hospitalidade acompanha os homens que participam do poder e da justiça, para observar as pessoas que violam ou praticam a lei? Quem disse que este estrangeiro que aparece não é um ponto desses deuses superiores, vindo para sobrepujar e refutar os pobres racionalizadores que nós somos e se é este não é um deus da refutação?

Theodoro: Não, Sócrates, não é esse ponto que caracteriza o estrangeiro: ele é mais racional que aqueles que se dão as disputas. Para mim, eu não o vejo como um deus e este homem, que já tenho por divino, pois é o nome que eu dou a todos os filósofos. (Sofista, 1930: 216a – 216c)

O trecho do **Sofista** que está citado, demonstra a preocupação de Sócrates em saber se o *xénos* não é um deus disfarçado. Da mesma forma, o trecho revela a necessidade de entender de onde o estrangeiro provem: da escola de Eléia. Sócrates no diálogo do **Sofista** está resguardando a cidade do infortúnio que poderia ser causado pelos deuses. As regras de hospitalidade grega exigem a identificação do nome e da proveniência do estrangeiro, pois a prática de hospitalidade tem “estatuto legal” de suma importância para a Grécia (DERRIDA, 2003)

A disputa central é que o lugar dos atenienses estava sendo cerceado conceitualmente, a Paidéia grega já está completamente consolidada na época de Platão (JAEGER, 1994) e com ela o lugar dos estrangeiros. Parafraseando Hartog (HARTOG, 2004: p 94) o heleno passa a se definir em oposição ao bárbaro, formando um par dicotômico que define um e outro. Mas como o próprio Hartog trata no livro **Memórias de Ulisses**, o mundo grego deve ser pensado em suas relações com o mundo bárbaro, pois a própria noção de bárbaro foi construída historicamente e não correspondia a um modelo civilizacional na Grécia Arcaica, por exemplo, mas apenas uma nomeação para aqueles que falavam o grego de forma onomatopaica: bar, bar que não se entendia corretamente.

A *Ilíada* que trata da viagem que define os espaços e arredores do mundo grego e que é referência educacional mesmo na Atenas Clássica, solidifica as noções de proximidade da Grécia para com outros povos. As heranças culturais gregas são visíveis em vários autores clássicos como Heródoto e até mesmo em Platão:

O Ateniense: De fato, atualmente, isto que é permitido eu ousar dizer, sobre todos os estados exceto o Egito.

Clinias: O Egito? Qual é pois, antes para você, a legislação sob esse ponto?

O Ateniense: O único enunciado te surpreenderá. Desde longos tempos, eu penso, eles têm chegado a essa verdade que nós formulamos agora: são estas as belas figuras e as belas melodias que devem praticar sobre esses exercícios a juventude da cidade; eles tem, pois fixada a determinação e a natureza, pois expostos os modelos no templo; estes modelos, eles não permitiram nem a pintores, nem a qualquer um representar as atitudes de alguma sorte, de as modificar as regras nacionais ou em imagina-las novamente e ainda esta deles é defendida, seja em matéria, seja toda a arte musical. Num exame você encontrará que nesse país, as pinturas e esculturas remontadas de milênios e quando eu digo milênios, isto não é maneira de dizer, isto é a realidade; elas não são nem mais belas nem mais feias que aquelas de hoje e tem feito obras de uma técnica idêntica. (Leis, 1930: 656d – 657a)

O trecho de Leis, uma das últimas obras de Platão, demonstra a reverência a forma de educar egípcia presente nas decorações dos templos. Platão, ainda que se manifeste contra alguns estrangeirismos de forma evidente, reconhece heranças de outros locais fora de Atenas. A relação de Platão com a escola de Eléia por exemplo é patente em diálogos como o **Sofista** e **Parmênides**.

Considerações Finais

Platão, além da multiplicidade de abordagens, compreende múltiplos olhares para os estrangeiros que influenciaram Atenas. O autor se mostra contra as normas éticas dos chamados bárbaros que entendemos aqui especialmente configurados na figura dos Persas, mas apresenta elementos de paradoxo e revisão em suas obras no tocante a outros estrangeiros na *pólis*. Os egípcios, por exemplo, não são identificados como não civilizados, pelo contrário, apesar de não falarem grego, os egípcios são referenciados por seus saberes e até mesmo por Platão.

Importante entender que qualquer membro de outra cidade estado, também era tido como estrangeiro, dado que a hélade não se configurava num país. A hélade se reconhecia como espaço de certa proximidade cultural, mas que devido às distâncias culturais, geográficas e mesmo as distâncias impostas pela política de cada cidade-estado, não era uniforme.

Os sofistas foram personagens importantes na integração da cultura da hélade no momento em que começaram a vender suas aulas de oratória e fornecer subsídios para a prática política na Atenas Clássica; para que assim as pessoas destacadas no meio social se tornassem oradores mais influentes e políticos com mais competência persuasiva. No entanto, o modelo sofista por não ser conectado diretamente a política de nenhuma cidade-estado em

particular, estava descontextualizado da cultura política necessária para o bom cidadão ateniense. Cidadão esse que nos diálogos de Platão aparece como o guardião que se volta para um aprendizado concreto de si em sua referência a cultura helênica.

No sentido de pensar a cidade em suas relações com outros estrangeiros, os metecos eram funcionários indispensáveis para o andamento das funções da cidade ainda que não tivessem direito a participação política. Atenas era uma cidade que tinha visitantes de diversas partes na condição de hóspedes e mesmo esses vinham com padrões culturais e valores para impregnar em Atenas. Os diálogos platônicos também nos permitem observar a título de exemplo, a relação que os filósofos atenienses tinham para com os filósofos de Eléia, como um respeito teórico aos mestres de Eléia.

A cidade é vislumbrada nos diálogos em suas várias faces de heranças culturais para com outros helenos, metecos das mais diversas proveniências e até mesmo em relação aos bárbaros. O sentido desse olhar a diversidade presente em Platão é também para pensar a gestão adequada para a *pólis*. A *pólis* precisa de mecanismos de controle social: religioso, educativo e principalmente filosófico voltados para a “verdade” da cidade em sua cultura própria. Todavia, não devemos nos esquecer que Platão orienta essa ação também para se definir como modelo de Atenas e expulsar a concorrência dos sofistas, a criação de verdades ocorre a partir da exclusão de agentes sociais: metecos e sofistas principalmente.

REFERÊNCIAS

FONTES

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. S.L: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATON. **Oeuvres complètes**. Paris : Les Belles Lettres, 1930.

PLATÃO. **O Sofista**. In: Diálogo: O Banquete; Fédon ; Sofista ; Político. seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza (O Banquete), Jorge Paleikat e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). -. São Paulo :Abril Cultural,1979.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marta Mega de. **A vida comum**: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Cidade e cidadania**: uma prática do espaço. Phoinix. Rio de Janeiro, 2003.

CANFORA, Luciano. **Um ofício perigoso**: a vida cotidiana dos filósofos gregos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASSIN, Bárbara. **O efeito sofístico**: sofística, filosofia, retórica, literatura. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed.34, 2005.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

FINLEY, Moses I. **Aspectos da Antiguidade**: descobertas e controvérsias. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. **Política no mundo antigo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

FLORENZANO, Maria Beatriz. **O mundo antigo**: economia e sociedade (Grécia e Roma). Brasiliense: S.L, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HARTOG, François. **Memória de Ulisses** : narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARQUES, Marcelo Pimenta. **Platão, pensador da diferença**: Uma leitura do sofista. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

OBER, Josiah. **Democracy and knowledge**: Innovation and Learning in Classical Athens. New Jersey: Princeton University Press, 2008.

SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **Os deuses gregos**. Trad. Rosa Maria Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.